

Coordenadora: Prof^a Dr^a Niède Guidon

Vamos tratar dos vestígios arqueológicos mais ligados à vida espiritual e social do homem pré-histórico.

Aqui no Nordeste, esses vestígios são extremamente importantes pela sua qualidade, quantidade e variabilidade e possibilitam mais uma variável para a análise de sociedades pré-históricas. Ahamos muito importante observar que a arte rupestre é um registro extremamente fértil de informações sobre o homem pré-histórico e que, estudado dentro do contexto arqueológico, fornece mais uma possibilidade para estabelecermos as linhas de evolução e as diferenças de grupos étnicos.

Temos aqui no Nordeste uma série de tradições e a análise dessas tradições, considerada dentro de uma visão global de seqüência cronológica, nos tem permitido estabelecer divisões e subgrupos dentro de grandes tradições que, para nós, deveriam corresponder a grupos lingüísticos. Graças à combinação do estudo da tecnologia e da arte rupestre, temos podido introduzir divisões dentro desses grandes grupos, que são as tradições, e estabelecer os estilos que deveriam corresponder às tribos dentro de um mesmo grupo lingüístico. Bem entendido, estas são as hipóteses de trabalho que dirigem nossa pesquisa, mas é oportuno dizer que essas hipóteses têm-se confirmado até hoje na área de São Raimundo Nonato, no Piauí.

O que podemos apresentar, como uma pequena síntese introdutória, é o fato de que a arte rupestre, no Nordeste do Brasil, iniciou-se por volta de 30.000 anos atrás, ou seja, é uma arte que começou no Pleistoceno. Temos prova disso, graças ao achado de blocos pintados caídos da parede, em camadas do Pleistoceno. Isto é muito importante porque demonstra que a arte começou nas Américas ao mesmo tempo em que começava na Europa, na África e na Austrália. Inclusive para a África, dispomos hoje de datações em torno de 50.000 anos, propostas pelo Prof. Anati para certas pinturas africanas, e da Austrália já recebi comunicações de colegas australianos que obtiveram provas da existência de arte rupestre no Pleistoceno. Estas informações não nos devem assustar porque partimos do princípio que estamos tratando no Pleistoceno final, com populações de *Homo sapiens*. Mesmo que estejam diferenciados culturalmente, partiram de um estoque único, porque, como disse o Prof. Adauto Araújo ontem, uma espécie tem uma origem única e o *Homo sapiens* se originou de mutação, mas partiu de um estoque genético único e esse estoque genético se diferenciou em proporções variáveis e deu origem a todas as sociedades que hoje povoam a terra. Temos, portanto, certos traços que são comuns, dados fundamentais, que tornam possível o aparecimento de arte rupestre, ao mesmo tempo, em todos os continentes.

Queria salientar também que em São Raimundo Nonato temos uma série de datações para a arte rupestre. Lamento muito que nosso colega André Prous, da Universidade Federal de Minas Gerais, não tenha vindo a este Simpósio porque no fim do ano passado ele realizou uma conferência em Paris, à qual não assisti porque es-

tava em São Raimundo Nonato, mas que foi gravada por um dos meus colaboradores, na qual fez uma interessante exposição sobre as populações pré-históricas do norte de Minas Gerais, com detalhes sobre os tipos físicos, carências alimentares, doenças e indústria, e quando tratou da arte rupestre afirmou que havia encontrado nesses abrigos de Minas Gerais, representações da Tradição Nordeste datadas de 2.000 anos e que portanto estava completamente em desacordo com a minha proposição de colocar a Tradição Nordeste numa faixa cronológica entre 12.000 e 6.000 anos. Quero dizer aqui, por oportuno, que não é uma proposição que eu fiz. Em São Raimundo Nonato temos datas para a Tradição Nordeste entre 12.000 e 6.000 anos, sendo que, a partir de 10.000 anos sua presença começa a ser importante. A 8.000 anos já está localizada e atinge outras áreas, ou seja, não se trata apenas de uma afirmação e fico muito contente que André Prous tenha encontrado a Tradição Nordeste datada de 2.000 anos em Minas Gerais, porque se ele tivesse encontrado essa tradição com 12.000 anos, seria mais difícil demonstrar uma das minhas hipóteses, a de que São Raimundo Nonato, no Piauí, foi um foco de criação da Tradição Nordeste e que ela desaparece por volta de 6.000 anos. É, portanto, coerente que ela apareça no norte de Minas Gerais por volta de 2.000. Se ele a tivesse encontrado por volta de 12.000, aí sim, talvez a minha hipótese precisasse ser reexaminada.

É uma realidade que dispomos dessas datações e uma das comunicações dos membros da minha equipe será justamente sobre um abrigo que acaba de oferecer, de forma ainda mais segura, essas cronologias antigas. É a primeira vez que um painel de grande tamanho, no qual podem ser identificados diversos estilos, aparece coberto por vários níveis arqueológico, riquíssimos em vestígios juntamente com fogões e restos de ocre, pedras que serviram para moê-los e pedaços de parede pintada. O painel tem cerca de 200 figuras.

Esta é uma realidade que não pode ser negada pelo simples fato de que o painel está lá e foi visitado por outros colegas, que ficaram impressionados com sua clareza e riqueza arqueológica.

Várias vezes me disseram que eu tenho muita sorte e que sempre que escavo encontro coisas para datar as pinturas. Realmente tenho muita sorte. Especialmente por ter a equipe que tenho e por ter amigos que me apoiaram para executar pesquisas de forma a obter esses resultados, frutos de escavações imensas: no Boqueirão da Pedra Furada são 250 metros quadrados escavados numa profundidade de 4 metros; a Toca do Baixão do Perna, onde foi encontrado o painel de que falei já está com uma escavação entre 90 e 100 metros quadrados. São escavações de grandes proporções e que acabam trazendo os frutos de um trabalho paciente e obstinado. É essa a minha sorte.

Vamos dar início ao seminário de hoje com a conferência do escritor Ariano Suassuna, professor da Universidade Federal de Pernambuco, cujo título é "Uma Teoria da Arte Rupestre".